

Uma história ambiental dos rios africanos

Developing the rivers of east and west Africa: an environmental history

Heather J. HOAG
New York: Bloomsbury, 2013.

A questão do acesso às águas é candente em diferentes regiões do continente africano. Para além dos lugares comuns que associam as disputas por água apenas à sua falta em vastas regiões áridas, como o Saara, a Namíbia e o Kalahari, resta compreender as diferentes formas de apropriação dos recursos hídricos e os embates que elas engendram, quer para o abastecimento, quer para a irrigação, quer para a produção energética. Explicar essas intrincadas relações entre o modo de ver e utilizar os rios africanos ao longo dos séculos XIX e XX é o desafio de Heather J. Hoag.

Publicado em língua inglesa em 2013, *Developing the rivers of east and west Africa* foi originalmente escrito como tese de doutorado na Boston University dez anos antes. A autora atualmente é professora da University of San Francisco, onde leciona e continua a desenvolver pesquisa na área de Estudos Africanos. É também cofundadora e editora-chefe da *Water History*. Seu interesse de pesquisa gravita em

torno de história ambiental, história da África e estudos internacionais.

Inicialmente, Heather Hoag propõe um difícil problema que irá perseguir durante todo o trabalho: qual o papel dos rios nos projetos de desenvolvimento da África colonial e independente? A noção de desenvolvimento de que Hoag trata em todo o livro está intimamente relacionada ao progresso, à melhoria técnica, à racionalização e ao crescimento econômico. Segundo a autora, esse seria o entendimento dos próprios sujeitos que ela busca retratar.

Por meio de uma vasta coleta de documentos em arquivos espalhados em três continentes, além de entrevistas orais, a autora justapõe diferentes casos regionais que lhe permitem observar as influências locais e ambientais, ao mesmo tempo em que colocam em relevo ideologias dominantes e semelhanças no modo de gestão dos rios tanto pela administração colonial quanto pelos líderes pós-independência.

O estudo está dividido em três partes, totalizando sete capítulos. Em um primeiro momento, intitulado *From the river's edge*, Hoag explora a importância dos rios para as comunidades ribeirinhas africanas e para os visitantes britânicos do final do século XIX e início do XX. No segundo capítulo, Hoag foca na centralidade do rio Rufiji, atual Tanzânia, na vida dos habitantes do baixo rio e do seu delta, observando como eles desenvolveram um calendário agrícola intimamente relacionado ao ciclo das águas. Segundo a autora,

as cheias periódicas definiam os tipos de cultura: plantação de culturas alimentares, sobretudo o milho, antes do início das cheias; cultivo do arroz nas margens inundadas; e o algodão durante a estação seca. Além disso, discute o papel do rio na emergência da identidade Warufiji, formada pela filiação, coesão e assimilação de variados grupos étnicos (Ndengereko, Pogoro, Zaramo e Ngindo) que migraram para o delta do rio.

No terceiro capítulo, *Mapping a continent: British exploration of the Niger River*, Hoag deixa a margem banhada pelo oceano Índico e se volta para a África Ocidental. Com respaldo nos relatos dos exploradores britânicos, ela examina como as comunidades ribeirinhas do Níger interagem com o rio e percebe quais transformações ocorreram nessas relações quando da maior presença britânica. Ao analisar uma série de expedições exploratórias desde Mungo Park (1795-96 e 1805-06) até Baikie (1854), ressalta a importância da apropriação do saber local, do caráter cumulativo da ciência geográfica e da inserção de novas tecnologias, sobretudo do barco a vapor, para o desmantelamento do poder africano e o posterior domínio britânico.

No entanto, ancora sua análise sobre a presença britânica no Níger em um único contexto, que é dado de antemão: o combate à escravidão e a tentativa de intervir no continente pela promoção da agricultura e do comércio “legítimo”.

Por mais de uma vez, a autora

superestima a importância dos rios ao apontá-los como os caminhos naturais. É necessário ter em conta, no entanto, que o traçado dos caminhos pelas calhas hídricas dependia de fatores que exorbitavam a mera geografia física, sendo consideradas, por exemplo, as estratégias para evitar o confronto com grupos locais, fugir da dependência da hospitalidade dos chefes africanos e criar novas rotas comerciais, diferentemente das caravanas terrestres que dominavam o comércio de longa distância.

Com efeito, a maior contribuição da autora na primeira parte é compreender como a geografia, ancorada na observação direta, feita na metade do século XIX, permitiu uma visão global dos sistemas hídricos, o que era inexistente até mesmo para os grupos locais e que servirá de base para os projetos ulteriores de manipulação dos rios.

A segunda parte, intitulada *Colonizing africa's rivers*, centra-se nos intentos coloniais em potencializar a capacidade produtiva das colônias através de intervenções técnicas nos cursos d'água. Em *Greening the fields*, a análise recai sobre a utilização dos rios na primeira metade do século XX para a produção agrícola de itens voltados para o mercado externo. Seus estudos de caso ao longo dos rios Gâmbia (atual Gâmbia) e Rufiji mostram que as formas de aproveitamento dos rios e o seu grau de sucesso variaram de acordo com os tipos de ambientes, as relações coloniais, a tecnologia escolhida, os produtos a que se visava produzir e até as relações de

gênero. Ao mesmo tempo, Hoag identifica que em ambos os casos os agricultores nativos e a administração colonial partilharam da mesma visão de modernidade e de desenvolvimento agrícola.

No quinto capítulo, Hoag se dedica a analisar os projetos de desenvolvimento, relacionados à construção de barragens para a produção energética, que emergiu por volta de 1920. De acordo com a autora, entre a década de 1920 e 30, elas foram deixadas sob os cuidados de iniciativas privadas, sobretudo, empresas norte-americanas, de modo que a produção era voltada apenas para os incipientes centros industriais e mineradores, não havendo uma política de eletrificação rural. A partir de então, os rios seriam valorizados pelo seu potencial energético. Para a autora, as hidrelétricas planejadas nos rios Maragua-Tana (Quênia), Nilo-Vitória (Uganda) e Pangani (Tanganyika), durante o período colonial, significavam mais do que simples máquinas de gerar eletricidade: era a representação máxima da ideologia dominante da idade técnica, um ícone da aliança entre desenvolvimento econômico e progresso científico.

A terceira parte, *The changing value of rivers*, trata do aproveitamento dos rios na era pós-colonial. Em *The damming of Africa*, Hoag discute o planejamento e a execução de barragens nos países independentes, quando a agenda de desenvolvimento de muitos países africanos deixou de estar quase que exclusivamente ligada à pro-

dução agrícola e mineral e passou a investir na produção de energia para a indústria e para a venda aos países vizinhos. Para isso, a autora observa o caso da construção da barragem de Akosombo (1960), em Gana, e os debates da Stiegler Gorge, na Tanzânia. A construção de hidrelétricas serviu de base para os recém-emancipados países africanos. Para líderes como Nkrumah, de Gana, e Nyerere, da Tanzânia, as hidrelétricas significavam a independência econômica e política e a possibilidade de superar o estigma do subdesenvolvimento.

No entanto, muitos desses projetos eram remanescentes do período colonial, e a dependência dos governos africanos em face dos pareceres técnicos, tecnologias e capitais estrangeiros levou a autora a indagar os benefícios de tais projetos. Certo é que o represamento trouxe como consequência a remoção de milhares de famílias, que tiveram suas terras inundadas, o aumento de doenças transmitidas pelas águas, o endividamento para com instituições estrangeiras, além de graves problemas ambientais.

Os efeitos desses projetos de desenvolvimento a longo prazo são tratados em seu último capítulo, quando Hoag se volta para o impacto que a urbanização teve nos rios. A história do abastecimento em de Kumasi, Accra e Cape Coast, em Gana, e de Dar es Salaam, na Tanzânia, e os problemas de saúde pública, qualidade da água e tarifas elevadas e acesso que ainda hoje persistem revelam o descompasso

entre crescimento urbano e econômico e a preocupação com serviços básicos à população.

Developing the rivers of east and west Africa furta-se a observar como a população africana reagiu às pressões exercidas pelos poderes públicos sobre os recursos hídricos. Ao escrever a história do ponto de vista tanto dos planejadores coloniais quanto dos administradores dos países independentes, o livro acaba por ignorar qual a agência dos africanos nesses projetos, sugerindo, quando muito, sua rápida adesão. Em contrapartida, sua lente grande angular logra um mosaico – embora nem sempre suas peças se conformem com perfeição – das formas de

apropriação dos rios africanos que estiveram ancoradas em uma ideia de desenvolvimento, pautada no controle técnico e no crescimento econômico. Ao mesmo tempo, sua panóplia de casos põe em perspectiva histórica a questão da água em nível continental, mostrando que os problemas de água que atualmente afligem a África são resultado de uma confluência de circunstâncias políticas, ambientais e sociais, constituídas desde meados do século XIX.

José Nilo Bezerra Diniz

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Santa Catarina